



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

PROFISSÃO PROFESSOR: UM DESAFIO DIÁRIO

Thiago Acácio Raposo¹; José Evanilson de Freitas Lima²; Rafael Nóbrega Araújo³; Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio⁴

*Universidade Estadual da Paraíba – thiagoraposo20@gmail.com¹; evanilson.freitas@hotmail.com²;
rafaelnobregaraujo@gmail.com³; gaudencio_bruno@yahoo.com.br⁴ (orientador)*

Esta comunicação propõe uma breve reflexão sobre o papel do professor na atualidade, dando destaque para os desafios diários da prática docente. Partindo do pressuposto do fracasso do atual sistema educacional brasileiro, serão apresentadas novas possibilidades de abordagem do saber escolar. Baseando-se nas proposituras elencadas por Friedrich Wilhelm Nietzsche e Nadja Hermann, uma análise será desenvolvida sobre a prática do ensino de História.

Palavras-chave: Professor; Ensino de História; Reflexão

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como proposta a explanação de perspectivas acerca de observações realizadas em uma turma do ensino médio de uma escola pública do estado da Paraíba e que funcionou, inicialmente, como texto final para avaliação individual da disciplina de Estágio III do curso de História da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

Aqui, não serão apontados os defeitos ou acertos de determinado professor, mas sim, percepções acerca das relações entre professor, alunos e o conhecimento histórico, para que dessa forma, o leitor tenha contato com a realidade educacional brasileira. Tendo em vista tudo isso, não há a necessidade de fazer menção ao nome do professor nem o da escola. Entretanto, ambos serão situados espacialmente e socialmente.

A escola situa-se no bairro das Malvinas na cidade de Campina Grande, Paraíba. Nos últimos anos, a comunidade tem sofrido um crescimento vertiginoso no que se refere à violência. O sucateamento das relações escolares é bastante visível. A educação, no geral, fracassa em seu objetivo fundamental.

A turma observada foi uma do terceiro ano do ensino médio. Devido os jovens estarem na etapa “final” da vida escolar e no final do ano letivo é bastante compreensivo a quase inexistência de alunos “trabalhosos”.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

O professor, morador da comunidade, iniciou sua prática docente no presente ano, tornando bastante visível sua motivação, entusiasmo e esforço. Tratando o conhecimento histórico de forma peculiar, ele consegue atrair a atenção dos jovens para algo além do conhecimento meramente conteudístico, chamando a atenção para um conhecimento voltado para a realização pessoal.

O presente artigo está dividido em quatro tópicos, são eles: [1] “*Qual o sentido da educação?*”, onde serão discutidas questões voltadas para os significados construídos acerca a importância da educação em nossas vidas; [2] “*A sala de aula: diversos mundos que se cruzam*”, onde serão discutidas questões voltadas para as relações entre o professor, os alunos e o conhecimento histórico; [3] “*Nas tessituras do Conhecimento Escolar*”, onde será proposta uma discussão sobre as relações entre o historiador e o conhecimento histórico; [4] “*Um olhar sobre a prática docente*”, onde será proposta uma cartografia da prática docente de um professor do ensino médio de uma escola pública brasileira.

1. Qual o sentido da educação?

É bastante visível, nos últimos anos, a falência do sistema educacional brasileiro. Grande parte dos teóricos da educação, como nós mostra Elisabete Aparecida Monteiro (2012, p.3), optou por enquadrar a educação em modelos preestabelecidos por teorias pedagógicas, visando à substituição do sistema autoritário que limitava a capacidade criativa dos jovens, pois os inseriam em uma situação de passividade. O docente possuía, neste sentido, o lugar de mestre detentor de todo saber, enquanto o aluno representava uma espécie de pote vazio que seria preenchido pelo conhecimento do professor. Mudanças nos paradigmas educacionais propiciaram transformações nos lugares dos professores, alunos e nas relações, destes, com o saber. Mas, essa substituição acarretou uma terrível perda: o professor perdeu o seu lugar de suposto saber. Isso acabou por excluir a importância do professor no sistema educativo, pois esse desenvolveria uma tarefa meramente mediadora. Supõe-se que qualquer um seja capaz de desenvolver uma mediação.

Mas, será que ensinar resume-se a uma mera prática mediadora? Responder positivamente a essa pergunta seria robotizar a prática educativa. A sala de aula é um universo repleto de subjetividades, sonhos, traumas, lágrimas, sorrisos e acima de tudo, de saberes. Os saberes trazidos



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

pelos jovens devem ser abordados pelo professor, mas não mediados. O professor deve projetar um diálogo entre o conhecimento “erudito” e aquele que os jovens trazem consigo, evidenciando a necessidade de construção de um saber para a vida.

Sobre este saber, é pertinente pensar no que afirma Nadja Hermann, que retoma os princípios socráticos, e diz que a *paidéia* tem como fundamento uma educação para a virtude (*areté*). A virtude, nesse caso, seria o ideal de (auto)educação, que visa à formação da excelência da personalidade humana, onde, na prática das virtudes, o homem submeteria as paixões (*pathos*) à razão. A razão, para Sócrates, seria a essência da alma. O combate às paixões é algo bastante visível durante toda a trajetória da filosofia grega. Entregar-se às paixões seria o mesmo que entregar-se à irracionalidade, a animalidade, pois, “o homem se distingue de qualquer coisa pela sua alma” (HERMANN, 2001, p. 23).

Assim, a autora aponta para o fato que a *areté* (virtude) pode ser ensinada, mas que a sua posse vai depender do esforço do indivíduo. Adquirir a *areté*, para Sócrates, implicaria na aquisição do conhecimento em superação a ignorância. Dessa forma, encontramos um maniqueísmo onde a sabedoria é associada ao bem e a ignorância ao mal, ou seja, o bem poderia ser adquirido através de um combate às paixões e da busca pelo conhecimento. Esse combate levou Platão a atribuir ao sentido da *Paidéia* um significado de voltar toda a alma para a ideia de Bem. Platão aposta na educação como forma de “purificação da alma”. Os homens deveriam buscar o conhecimento para elevar o seu espírito. A “educação é, portanto, a arte que se propõe este fim, a conversão da alma, e que procura os meios fáceis e mais eficazes de operá-la” (PLATÃO apud HERMANN, 2001, p.25).

2. A sala de aula: diversos mundos que se cruzam

Para Nietzsche, segundo Rosa Maria Dias (1990), ideal de professor está respaldado na valorização da reflexão e da criticidade individual, onde o professor teria os papéis de transmissão do saber e de despertar a criatividade dos jovens. Para o filósofo, o conhecimento estava (e ainda está) sendo passado de forma equivocada, onde os alunos apenas repetiriam os discursos dos professores e estes, por sua vez, estavam presos às opiniões dos “grandes” teóricos e estudiosos. O conhecimento estaria, nesse sentido, em um “beco sem saída”.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Escolas e universidades, fontes de criação e reflexão sobre o conhecimento (ou pelo menos deveriam ser), estão repletos daquilo que Nietzsche denomina de “Filisteus da cultura”. Esses indivíduos acreditam ser detentores de todo o conhecimento e devido a sua arrogância são enquadrados no termo citado pelo filósofo, pois, o sábio mais sábio é aquele que sabe que não sabe de nada. A arrogância o insere em um lugar de não saber, pois, como já vimos, a educação deve ter um sentido voltado para a virtude. Entregar-se a arrogância é entregar-se as paixões e assim, a irracionalidade. Como os alunos podem refletir sobre o saber se o responsável pela transmissão deste está fechado em seu mundo egoísta e imóvel? A imobilidade do conhecimento proporcionado pelos “Filisteus da cultura” semeia o mal-estar por toda a sociedade. Os múltiplos saberes não são direcionados e aproveitados pelos professores “sabichões”, tidos por estes como um conhecimento inferior e desinteressante. Como ensinar para a vida se quem ensina não aceita essa ligação e quem é ensinado não a percebe?

A educação deve ter como pressuposto a formação de uma nova geração que tem como tarefa refutar a geração passada. Dessa forma, entendemos o conhecimento como algo móvel, que sofre transformações diariamente. Não se trata de uma evolução, mas de uma adequação a realidade social. O despertar da criticidade dos jovens é de extrema relevância para a construção de novos saberes e assim, para a construção de um mundo melhor.

Segundo Rosa Maria Dias (1990, p.51), Nietzsche foi um exemplo de homem odiado pelo mundo, que não estava pronto para receber suas “marteladas”, e amado pelos seus alunos. Tais afirmativas podem ser comprovadas através de uma análise sobre relatos da crítica e de depoimentos de ex-alunos do grande filósofo. A seguir, um trecho do depoimento de um dos alunos de Nietzsche:

Era um homem de poucas palavras, mas sua alegria era visível quando um aluno medíocre conseguia um bom resultado. Cada um de nós ficava contente ao receber dele por um trabalho oral a expressão: muito bem. Sua cordialidade, sua atenção incitava ao trabalho. Preparava os alunos para que soubessem falar espontaneamente, sem recorrer às anotações. Demonstrava a todos a mesma delicadeza. Não deixava transparecer nenhum desprezo pela massa de alunos indiferentes, nem pelos mais fracos ou menos dotados.¹

Podemos perceber, através do depoimento de seu discente, que Nietzsche era um homem preocupado com a formação dos jovens, preparando-os para as mais diversas atividades diárias, ele preocupava-se com o desenvolvimento individual dos jovens. Normalmente, vemos professores

¹ Depoimento de aluno de Nietzsche, segundo Rosa Maria Dias (1990).



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

egoístas que culpam os alunos pelo fracasso do sistema educacional², mas, que também não fazem nada para tentar mudar essa realidade. Continuam a tratar os jovens como potes vazios a serem preenchidos pelo professor “sabe-tudo”.

O grande problema da educação é a prática de maximizar a importância de um e detratar a do outro grupo. Cada grupo tem sua importância para o funcionamento da educação e não existe um mais importante que outro. O que seria do professor se não existisse aluno para ensinar? O que seria do aluno se não existisse professor para ensiná-lo? Um depende do outro. As relações de saber devem ser revistas. A troca de saberes deve funcionar de forma espontânea e sadia.

O professor deve trazer consigo o lugar de suposto saber e deve ser respeitado por isso, pois ele é o responsável pela transmissão do conhecimento para as novas gerações. Possuindo esse lugar, ele deve respeitar o lugar dos alunos que trazem consigo o conhecimento adquirido fora do ambiente escolar e entendê-los enquanto agentes produtores de saber. Esse saber não deve ser visto de forma inferior como os Filisteus da cultura insistem em fazê-lo. Deve-se perceber a ligação intrínseca entre este e o saber da vida e o saber para a vida. A partir do momento em que o aluno percebe a importância do professor na sua formação pessoal e passa a respeitá-lo, a educação tem grandes chances de sucesso. O respeito é a chave para o sucesso das relações.

O professor é o indivíduo mais poderoso do mundo, pois, ele tem o poder de ajudar a construir sonhos, mas, também tem o poder de destruí-los. Um elogio pode motivar uma criança pelo resto de sua vida. Sabe o que é fantástico? Em pleno século XIX, Nietzsche já havia percebido isso. Uma palavra de apoio, um sorriso e/ou um sinal positivo, podem iluminar a estrada a ser percorrida pelos futuros adultos. Da mesma forma que uma palavra ríspida pode destruir todos os sonhos e ideais de uma criança. Mas será que todos os professores têm a plena noção disso? Se a têm, então porque não tomam mais cuidado com a sua postura em sala de aula? O que custa desejar um bom dia aos seus alunos?

A sala de aula que deveria funcionar como um ambiente de produção de novos saberes se transforma em um campo de batalha, onde vence quem for mais desrespeitoso. Professores e alunos são os competidores.³ O respeito praticamente inexistente. Mas como o professor vai chamar a atenção

² Existem vários motivos para a educação chegar ao desastre que está hoje. Não cabe aqui atribuir a culpa do fracasso a nenhum grupo ou indivíduo.

³Evidentemente, existem outros fatores que geram essa desordem na sala de aula. Estou deixando de lado aqui, fatores externos, mesmo entendendo que esses influenciam as posturas em sala de aula.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

de jovens mergulhados no mal-estar do sistema educacional brasileiro? Seguindo manuais de instrução de como dar aulas? Não! O professor deve seguir o seu *estilo*. Ele é a chave para o sucesso da transmissão e produção do conhecimento.

Como nos aponta Elisabete Aparecida Monteiro (2012, p. 7), o *estilo* é a individualidade e o movimento do espírito. É no *estilo* que uma cultura guarda os seus tesouros e é ele o responsável por qualquer transmissão do saber, pois trata-se de uma maneira singular de testemunho de um saber. O professor, através deste, aborda determinada temática, sem a preocupação de se enquadrar em teorias pedagógicas que limitam a capacidade educativa e que impossibilitam a transmissão do saber.

O *estilo* é algo único, ele não pode ser transmitido, nem ensinado. A lógica está presente no seguinte contexto: o professor usufrui de um *estilo* no momento da transmissão do saber e o jovem, ao ter contato com ele, despertaria o seu próprio *estilo*. Não tratamos de uma reprodução, mas de um despertar. Despertar para a vida e para o saber. Tendo contato com essa forma de ensino livre de regras pedagógicas, a atenção dos jovens poderá ser reconquistada e o brilho em seus olhos poderá retornar. Estudar/ensinar não deve ser um fardo ou uma obrigação. Estudar/ensinar deve ser um prazer.

3. Nas tessituras do Conhecimento Escolar

Pergunta clássica, mas que ainda maltrata muitos historiadores despreparados e no início da vida acadêmica: Por que ensinar e estudar história? Certamente, quase todos historiadores já foram submetidos a esse questionamento. Alunos, colegas de outras disciplinas, familiares e amigos, todos insistem em fazer essa pergunta tão complexa. Respondendo de forma breve: a história nasce com o homem e é impossível separá-los. Estudamos e ensinamos história para sermos conhecedores do passado e produtores de nosso presente. Estudamos para conhecer outras culturas e para entendermos como a nossa se formou. Estudamos história porque ela é uma parte da humanidade, por que ela cheira a sangue humano. Porque ela conta um pouco de todos nós e porque somos frutos dela.

Mas, o que a História estuda? Ela estuda o homem no tempo.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Quem é o historiador e qual o seu papel? Para responder a essa questão, impossível não citar o grande mestre Marc Bloch quando afirma que "O bom historiador se parece com o ogro da lenda. Onde fareja carne humana, sabe que ali está sua caça" (2001, p.20). O historiador é o cientista e intelectual responsável pelos estudos sobre vida dos homens, partindo de análises sobre os rastros deixados por estes em sua passagem pelo planeta.

O pesquisador tem como função a manutenção e reflexão dos conhecimentos históricos, transmitindo seus pontos de vista através de livros, artigos e palestras para assim atingir o outro historiador, aquele que está na sala de aula⁴. O historiador que está na sala de aula possui uma árdua tarefa: transmitir o conhecimento histórico a 40 alunos (em média por sala de aula) e propor a reflexão e a construção de novos saberes para 40 subjetividades distintas. Sem dúvida, trata-se de uma das profissões mais difíceis de exercer. Ele deve, através de seu *estilo*, propor discussões sobre o conhecimento histórico de forma viva e livre, entendendo que os frutos dessas discussões deverão construir novos posicionamentos e não repetir os já existentes.

Ensinar história requer coragem, força de vontade e, mais que tudo, humanidade. Ensinar aos jovens um olhar reflexivo, que percebe a cultura alheia não como inferior, nem como superior e fazer com que eles percebam que aquelas palavras escritas em um livro, aparentemente "chato", possuem vida, que aqueles mortos (a grande maioria deles) não estão tão mortos assim, pois, ainda podemos escutar os gritos das namoradas e amantes ao descobrirem que o seu amado caiu morto nos campos de batalha da Primeira Grande Guerra, ainda podemos ver a cabeça do rei francês sendo separada de seus membros por uma população faminta e empobrecida, ainda podemos escutar o grito da moça acusada de bruxaria e queimada em uma fogueira pela Santa Inquisição, ainda podemos ver os índios rindo dos europeus em seus primeiros contatos, ainda podemos pra sentir a alegria dos trabalhadores fabris ao conseguirem seus primeiros direitos, ainda podemos sentir a surpresa e o entusiasmo das pessoas com a "chegada" do trem, ainda dá pra ver as pessoas saindo correndo com medo das primeiras seções cinematográficas, ainda podemos sentir o cheiro dos homens que nós éramos ontem, ainda podemos.

Os livros trazem os conteúdos exigidos pelos PCNs, cabe ao professor um trato diferenciado com os conteúdos ali abordados de forma tão alheia à realidade dos discentes. O ensino de história

⁴ Sabemos que a função pesquisador e professor estão diretamente ligados, principalmente no Brasil onde é praticamente impossível viver apenas da pesquisa. Normalmente os dois são a mesma pessoa, mas trabalhemos de forma separada.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

deve ter como objetivo, assim com toda a educação, a purificação da alma. Trata-se de um ensinar para a virtude, ensinar para a vida. Envolver os jovens nas narrativas históricas é de grande valia para o desenvolvimento e crescimento pessoal de cada um deles. Não sejamos “Filisteus da Cultura”, aceitemos o conhecimento dos nossos discentes, incentive-os, elogie-os, critique-os individualmente, preocupe-se com a formação destes, seja um grande mestre. Tomemos por meta o ideal de mestre defendido por Nietzsche, que se preocupa com os jovens e com a cultura de seu país, que toma por meta o despertar da criatividade de suas discentes, entendendo-os enquanto agentes produtores da história, mas, não perdendo nesse processo o seu lugar de mestre suposto saber.

Fazer com que o aluno se perceba enquanto agente histórico não é algo muito fácil. Principalmente pelo fato que por muitos anos defendeu-se que apenas as pessoas “famosas” faziam a história. No último século, porém, percebeu-se que todos nós fazemos a história, entretanto, aquele sentimento ainda está presente no discurso de muitos professores e alunos das escolas brasileiras. Teoricamente, o professor chega a uma sala de aula e transmite essa noção, eles a aceitam de forma positiva, entendendo a linha de raciocínio, mas, quando os jovens abrem o livro didático apenas encontram os nomes de “grandes homens” (reis, rainhas, presidentes, líderes de rebeliões ou revoltas, entre outros), o nome do homem simples é esquecido pela história a ser ensinada nas escolas. Fazer com que os alunos percebam a importância deles no desenrolar dos processos históricos só se torna uma tarefa possível a partir de uma série de exercícios e exibição de exemplos que evidenciem sua participação nas estruturas dos eventos históricos mais globais.

Tomemos como exemplo o caso das eleições de 2014 no Brasil: é pertinente mostrar aos jovens que a presidente Dilma Rousseff venceu as eleições para presidência no Brasil e, conseqüentemente, entrou para a história do país, mas, que para chegar ao lugar onde está, precisou do voto de milhões de brasileiros, pessoas simples, ou seja, o que está nos livros é o nome da presidenta e os seus feitos, mas, que por trás dela encontramos a presença ativa do povo nos rumos dos eventos históricos do país. Essa perspectiva pode permitir a identificação dos jovens enquanto agentes históricos ativos, possibilitando uma maior aproximação destes e o conhecimento histórico.

Ser professor de história requer de nós uma sensibilidade aguçada, para entendermos o outro e ainda para transmitir esse conhecimento para nossos alunos, permitindo que eles criem seus



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

próprios pontos de vista. A história, como já foi dito, cheira a humanidade. Tentar separar o homem da história provocaria uma aberração. Nós somos frutos daquilo que outros foram antes de nós. Nós somos a história e a história é aquilo que nós somos. Somos vida, sangue, carne, lágrimas, sorrisos, traumas, egos, orgulho e amor. Somos antes de tudo, seres únicos, sensíveis, vivendo em um grãozinho de areia que flutua pela infinitude do universo.

4. Um olhar sobre a prática docente

Como já fora dito anteriormente, a escola deve funcionar como um templo de purificação da alma, no sentido que o conhecimento abra novos horizontes para nossos alunos e que “liberte-os da ignorância”, que, como aponta nossos grandes pensadores clássicos gregos, impede o desenvolvimento individual e resulta em uma entrega as paixões e assim, a irracionalidade.

Não se trata de iluminar o caminho “escuro” que os jovens venham a trilhar, mas sim, de ensiná-los a criarem seu próprio fogo, para que eles próprios tenham a capacidade de iluminar suas estradas. Isso dialoga muito com a proposta de Nietzsche, quando tem a sensibilidade de perceber os jovens em sua individualidade, incentivando a busca por uma excelência da alma.

A escola pode funcionar como uma gaiola que prende o espírito dos jovens, impedindo-os de alcançar seus sonhos e impossibilitando a descoberta e desenvolvimento de suas habilidades individuais ou pode funcionar como asas, que libertam todas essas habilidades que estão ocultas, permitindo aos jovens a prática do voo pelo céu do conhecimento e da felicidade pessoal.

A partir de tais reflexões iniciemos uma análise sobre a prática docente de um professor de história que possui a sensibilidade de tratar seus alunos enquanto sujeitos ativos, detentores de um saber e cheios de capacidades individuais. Em quatro semanas, foram observadas suas aulas, atentos para as relações nascidas do contato entre os alunos, o professor e o conhecimento histórico. Tentaremos aqui, cartografar essas relações. Evidenciamos, entretanto, nossas limitações escriturísticas, que impedem a descrição mais aproximada de aulas fantásticas, que inserem o aluno em um mundo cheio de vida. As quatro aulas observadas tiveram como tema a Guerra Fria.

A primeira aula propôs uma discussão acerca da corrida armamentista. Como recurso, o docente utilizou o quadro, lápis de quadro e livro didático. A partir da exposição de um roteiro no



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

quadro, a discussão se iniciou sob um olhar da história política e cultural, onde o professor desenvolveu uma análise bastante interessante, atraindo a atenção dos jovens alunos que estavam se preparando para a realização do ENEM⁵, mas, aparentemente, ele conseguiu ir além. Era visível o encanto dos jovens com a temática, tão envolvidos em questionamentos nascidos no seio daquela discussão. A maior surpresa dos jovens foi descobrir que muitos dos eletrodomésticos existentes em suas casas nasceram ou se desenvolveram a partir da corrida armamentista, onde os EUA aproveitavam os conhecimentos tecnológicos adquiridos no conflito, direcionando-os através de produtos domésticos para uso geral da população do mundo capitalista. Essa foi a forma de os EUA aproveitarem todas as descobertas, inserindo-as na lógica capitalista de mercado, onde tudo vira produto comercial. Estreitar os laços entre o conhecimento histórico e a vida dos alunos é de grande importância para o desenvolvimento da percepção da importância da história na vida de todos nós.

A segunda aula observada teve como discussão a Guerra do Vietnã. O professor utilizou como recurso didático o uso de slides, nele, recorrendo ao uso de um roteiro do conteúdo e de fotografias do período em conflito, a fim de retratar os pesadelos de uma guerra. Era bastante visível o choque dos alunos ao terem contato com fotografias que apresentam crianças vietnamitas nuas, fugindo dos gases químicos e de pessoas mutiladas em valas comuns. As feições de horror a realidade de uma guerra desigual estavam estampadas nos rostos de todos e o professor se aproveitou desse choque para iniciar discussões acerca da ausência de humanidade no homem, convidando os jovens para que participassem com posicionamentos e questionamentos. Nosso professor em muito se assemelha ao ideal de mestre proposto por Nietzsche, pois, tenta despertar os dons e as sensibilidades de seus discípulos.

A terceira aula teve como conteúdo para discussão “os reflexos da Guerra fria no Brasil”, onde o docente utilizou como recurso didático o quadro, o lápis de quadro e o livro didático. A partir da explanação de um roteiro, o docente iniciou a explanação do conhecimento a partir de apontamentos voltados para as práticas cotidianas das pessoas dos países que viviam sobre alinhamento pró-EUA no período da Guerra Fria, evidenciando através de filmes e de discursos ainda presentes na fala de muitas pessoas que viveram na época do conflito, citando como exemplo a atribuição de muitas pessoas, mais velhas, a palavra “comunista” como algo ligado ao mal e a um

⁵ Essa utilização do saber impede muito do desenvolvimento intelectual dos alunos, pois o insere em uma lógica mercadológica que coloca a aprendizagem da história como mera etapa obrigatória da vida educacional.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

movimento anticristo. Evidenciando a influência da cultura norte-americana em nossas vidas, o professor inicia as discussões incentivando os jovens a participarem, apesar de que eles já o fazem de forma espontânea, promovendo uma aproximação entre o conhecimento histórico e suas vidas.

A quarta e última aula é marcada por uma discussão acerca da Queda do muro de Berlin e o fim do bloco socialista, onde o professor utilizou como recurso didático o uso de slides, constituído por fotografias e um roteiro do conteúdo. A partir do uso das imagens, nosso sensível professor iniciou uma discussão a fim de apontar as mudanças que seriam geradas em todo o globo no momento que aquele muro, símbolo do regime socialista, veio ao chão. Ele teve a preocupação de evidenciar que quem derrubou o muro não foram políticos ou artistas, mas sim, a população simples, possibilitando assim a percepção do aluno enquanto agente da história. A interação foi bastante viva, apesar de que a aula perdeu alguns minutos por conta dos comentários voltados para a prova do ENEM, que haviam sido realizadas no final de semana anterior a aula, o conteúdo foi bem apresentado.

Através de seu *estilo*, o professor promoveu a exposição do conhecimento histórico de forma a atrair seus alunos. Ele propôs uma educação voltada para a vida, que possua alegria, encanto e vida, evidenciando a participação de todos nós nos rumos da história. Apresentando o conhecimento como algo que vai além de meras obrigações mercadológicas, mas sim, que encanta e atrai todos nós. Uma educação para a vida. E o que seria a educação se não a própria vida.

CONCLUSÃO

A caminhada no sentido de se construir o conhecimento é deveras árdua. Entretanto, é o olhar do professor para ela que determina se esta caminhada nos levará a algum lugar ou não. Estamos habituados, enquanto educadores, a fechar-se em nós mesmos e esperar que nossos alunos aprendam aquilo que dispostos copiamos na lousa todos os dias. Mas a educação, como se sabe, não é somente feita de quadro e giz. Mas, é, majoritariamente feita de sonhos.

Sonhos estes que muitas vezes ficam pelo meio do caminho, outros que são ceifados mesmo antes de nascer, e pior ainda... sonhos que não estamos contribuindo para que sejam gerados. O lugar do professor coincide com o dos pais, dos amigos, que tem como função promover a



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

felicidade do aluno. Mas falar nisso defronte aos desafios impostos pelo problemático século XXI nos enquadra na categoria de utópicos.

Ao observar as aulas do referido professor, deparamos com uma geração sedenta de viver, de ser vista, de crescer na vida. Uma geração que não encontra em casa, nem tampouco na rua um aporte seguro para desenvolver suas habilidades, suas aspirações. Uma juventude a margem das grandes oportunidades. A educação para eles parece ser uma obrigação, e como não seria? Se são conduzidos diariamente a uma instituição que lhes prende por quatro ou cinco horas, lhes passa um conteúdo previamente planejado e lhe cobra um retorno em forma de notas?

A aula de História, dentro dessa instituição, tem o poder de mudar esta realidade, na medida em que se empenhe em não reproduzir fatos passados, mas em construir uma (outra) história, mediante a instauração de uma nova forma de ver esse campo do conhecimento. E essa forma de ver, é própria de cada aluno, mas infelizmente não é explorada, não é extraída deles. Esse novo olhar para a história constrói-se no dia a dia, nas metodologias empreendidas, mas, sobretudo na relação do professor-aluno, que precisa torna-se mais humana, mais sensível.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

HERMANN, Nadjá. **Pluralidade em Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001, p. 15-34.

DIAS, Rosa Maria. *Nietzsche educador*. São Paulo: Scipione, 1990, p. 20 -57.

MONTEIRO, Elisabete Aparecida. **Psicanálise na formação de educadores: transmissão e estilo**. VI Colóquio Internacional – “Educação e Contemporaneidade”. São Cristóvão, 2012.